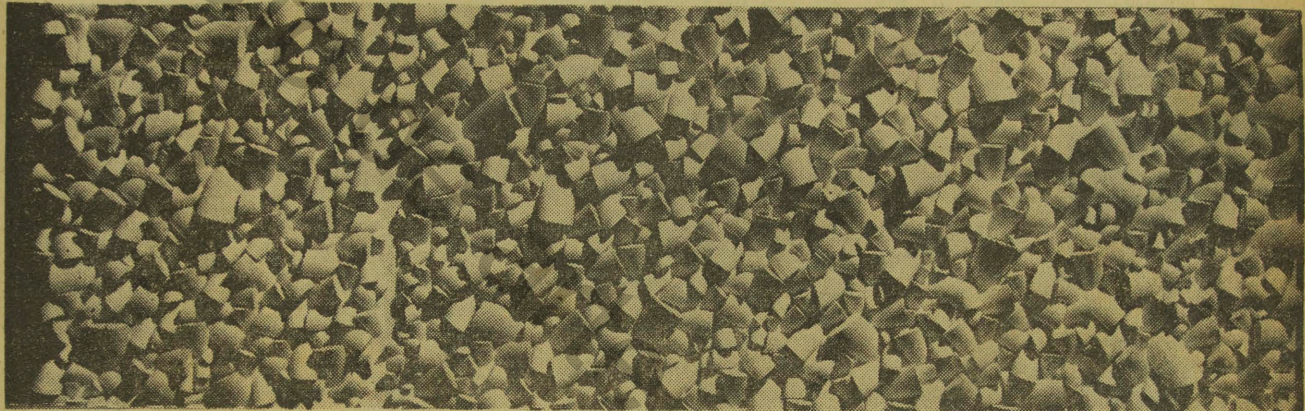


O Globo 26-5-65

ARTES Plásticas

Vera Pacheco Jordão



Sérgio de Camargo no MAM

Encerra-se domingo esta exposição, que recomendamos aos leitores não percam a oportunidade de ver. Realmente, poucos artistas conseguem obra tão original quanto a deste brasileiro residente em Paris que, sem ter passado por escolas de Belas-Artes, buscou no convívio dos grandes (ele menciona especialmente Brancusi), na meditação e na experimentação, os elementos para a criação de um estilo que, inserindo-se nas correntes mais características do nosso tempo,

fôsse, entretanto, sua forma pessoal de expressão. Os relevos de Sérgio de Camargo surpreendem como o ovo de Colombo: pequenos fragmentos cilíndricos de madeira, tachados obliquamente, colados sobre um fundo e pintados de branco. Nada mais simples, mais anódino, e, por isso mesmo, mais susceptível de se transformar nas mãos do artista que com eles joga livremente, em desdobramentos e aglomerados dispostos não segundo padrões geométricos — nem preocupações de naturalismo-realista, mas de acór-

do com um ritmo que nos atrevemos a chamar cósmico. Além da distribuição rítmica desses elementos, em ondas, em listas, em círculos, em feixes, com alternâncias de vasios que são como pausas musicais, o artista explora as possibilidades plásticas das peças cilíndricas, ora deixando-as de modo a que as superfícies roliças venham a formar um conjunto macio como pêlo de animal ou capim dócil à inclinação do vento, ora tirando partido da aresta viva e da múltipla dire-

ção espacial, colocando-as em feixes que têm a agressividade das pontas de lanças, das concreções de cortantes mariscos. Nesse jogo, a luz é a grande aliada do artista, completando suas intenções, dando pleno realce aos seus achados, graduando suavemente o sombreado dos movimentos calmos, projetando violentamente sombras cortantes e ameaçadoras quando entram em cena as perpendiculares e oblíquas. Sérgio de Camargo tem sido convidado a parti-

cipar de exposições dedicadas à arte cinética, como fez, recentemente, na Galerie Denise Renée, de Paris, ou na internacional "Art and Movement" de Edimburgo. Explica-se essa afinidade, pois que em seus relevos é implícito aquele movimento que outros artistas desencadeiam sem rebuços. Entre eles faz figura de introvertido o criador dessa obra irradiante de sugestão poética, sedutora e provocante por sua ambigüidade, nobre e austera em suas formas mais despojadas.

Festival "Las Wegas" no MAM

O Museu de Arte Moderna do Rio houve por bem dedicar suas maiores e melhores salas à exposição de desenho e pintura de WEGA, numa retrospectiva que se justificaria em se tratando de artista de extraordinário talento e no apogeu de sua arte. Infelizmente, não se esse o caso desta senhora que, tendo obtido o prêmio de desenho numa das bienais paulistas, encasquetou de ser

pintora, e mais, de ser premiada como tal. Que Wega não é pintora, nem mesmo são pintoras as muitas Wegas que nesse festival retrospectivo surgem como fantasmas apavorantes, não é preciso encarecer. Nem seria de criticar tão acerbamente — pois qual de nós não tem seu secreto desejo de ser isto ou aquilo? — não fôsse a extraordinária capacidade desta artista em auto-promoção. Sob esse as-

pecto Wega é incomparável. Explorando os mais íntimos laços de família, vem conquistando situações e arrancando prêmios que não lhe são devidos. Prejudica assim artistas de valor, ao mesmo tempo em que compromete aqueles que pactuam com a comédia quando teriam por dever guiar-se pelo sentido crítico, contribuindo ainda para desmoralizar as noções de julgamento e premiação já tão precárias entre nós.